

reflexões sobre

ARTEvisual

v.4 n.12 junho 2023



***Tudo se
Transforma...***

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualeinsino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.4, No.12, junho 2023 – *Tudo se Transforma...*

Campo Grande - MS

Periodicidade: quinzenal

Capa: Artur Bispo do Rosário, Assemblage.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

“Na natureza nada se cria e nada se perde, tudo se transforma”.

Esta frase é atribuída a *Antoine Laurent Lavoisier*, (1743-94), considerado o precursor da química moderna. Parafraseando-o elaborei uma expressão semelhante trazendo-a para o campo da Arte:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma...

É a expressão que uso às vezes ao final dos textos que produzo nestas edições batizadas de Reflexões sobre Arte Visual.

Para Lavoisier, na Natureza, nada é criado do nada, por isso ele diz que nada se perde na medida em que tudo se transforma. Para mim a Arte expande esta colocação pois, tudo o que surgiu nesta área, desde os primeiros momentos, ainda encontra repercussão na atualidade seja como referência, conhecimento ou estímulo. Ao mesmo tempo as manifestações artísticas são movidas por transformações contínuas, portanto, além de não perder nada, amplia cada vez mais seu universo criativo, estético e cultural.

Pode-se dizer que a capacidade criativa humana é inesgotável e pode criar tudo o que imagina, seja no campo da Ciência ou da Arte.

Contudo, no campo da Arte não há determinantes como as leis ou as condicionantes que as Ciências Naturais enfrentam na Química ou na Física, por exemplo. Entendo que a Arte sempre foi o lugar no qual o ser humano teve maior liberdade de ação.

Mesmo em momentos em que suas formas, representações e configurações não eram tão livres, ainda assim lhes dava identidade.

Desde o momento em que o ser humano foi capaz de se apropriar de materiais disponíveis no seu entorno e a partir deles criar imagens por meio da articulação dos gestos, grafias e manchas, modelagem e entalhes desenhando, pintando e esculpindo formas e figuras relacionadas ou não ao mundo natural, pode-se dizer que inventou a Arte e, em consequência disto, passou a dominar sua imaginação, daí em diante nunca mais deixou de exercer sua capacidade de criação e transformação.

Então é possível dizer que a invenção da Arte se tornou uma válvula de escape em relação à tudo o que o mundo natural não oferece. A imaginação passou a ser um meio para dar existência à coisas intangíveis como desejos, crenças, símbolos, conceitos, concepções, valores e tantas outras coisas que não se pode dominar pela limitação de saberes e ações, portanto, isto o tornou humano... Obviamente a espontaneidade original arrefeceu e a Arte adotou também condutas volitivas e conscientes.

Contudo não significa que ao se tornar produto da vontade, do conhecimento e de ações projetadas e conscientes que a Arte deixou de lado tudo o que a fez ser Arte, ao contrário, ainda é o meio que o ser humano tem para criar diálogos com a sociedade e com ele próprio. A objetividade não se distancia da subjetividade. A Arte como processo criativo e de transformação não dispensa sua história, memória, tampouco suas origens ou motivações originais...

As manifestações artísticas na contemporaneidade não são exclusivamente “atuais”, mas uma somatória de estágios de transformação que foram acumulados ao longo do tempo. Olhar para um *Ready Made* não ignora a garatuja rabiscada na parede de uma caverna na pré-história, mas estabelece uma relação de reciprocidade assim como o uso de um pedaço de pau para mover uma pedra também pode ser associado ao deslocamento dos corpos na física que levaram o ser humano à lua.

Portanto o processo transformativo pelo qual o ser humano passou é justamente a razão para que ele tenha saído dos fundos de uma caverna e alcançado o topo de um arranha-céu que perfura as nuvens...

Não se pode ser seletivo a ponto de dizer que algumas coisas importam e outras não. Tudo importa e tudo é essencial para que a humanidade permaneça em constante transformação mesmo que, em alguns momentos, isto seja ruim.

A história não foi construída apenas de bons momentos, mas de muitos, intensos e terríveis maus momentos. Isto mostra também que a capacidade de revisão, superação e reinvenção é possível.

Essa “gangorra” entre maus e bons momentos é uma constante, mas não significa que por ser uma constante não possa vir a ser uma variável, ou seja, que o processo se inverta e a constante seja a paz e a guerra uma simples variável em extinção...

E a esperança, a crença na superação foi o que motivou o ser humano a sair do fundo da caverna e a alçar grandes voos, literalmente.

Na minha opinião, a Arte foi o meio que ele sempre teve para intuir, desejar, inventar, acreditar e esperar...

Assim como a “gangorra” da história mostra bons e maus momentos, as manifestações artísticas, por serem humanas, também comungam destas variações de estado, de humor, de realidade e de esperança.

Nada se perde.

No mundo da Arte nada se perde.

Desde o primeiro momento em que o ser humano realizou a primeira imagem, fosse ela um simples rabisco realizado na parede da caverna, um bisão pintado, uma figura feminina modelada na argila ou entalhada num pedaço de pau, este comportamento passou a ser entendido como “artístico”, portanto, entre as manifestações primevas do ser humano está a Arte Visual.

Não significa que a Arte tenha sido a única manifestação daqueles primeiros tempos, mas foi uma que deu acesso ao conhecimento sobre a aurora da humanidade.

Quando descobertas as primeiras manifestações da pré-história humana foi necessário repensar, rever e ressignificar a cultura humana projetando-a para trás muitos milênios. O conhecimento que se tinha no século XIX dava à humanidade algumas dezenas de séculos que precisou atualizá-la para centenas de séculos.

Cinco mil anos se tornaram dez, vinte, trinta, quarenta...

Hoje as datações ainda tentam definir os períodos das primeiras manifestações, mas as datas não são tão importantes assim, basta saber que as primeiras manifestações incluíram a Arte como um dos meios de sua existência e isto se tornou uma constante no percurso da humanidade. Isto é mais importante do que a datação. O comportamento criativo é uma característica humana e, por isto, ela não pode ser obliterada, ignorada ou extinta.

A luta que a Arte atual enfrenta é a de manter-se em funcionamento, independentemente de serem objetos de guarda, memória cultural ou até mesmo bens de consumo e entretenimento, o que realmente importa é o seu reconhecimento como uma conquista e característica que, como já disse, torna o ser “humano”. Fazer Arte é não querer esquecer a predestinação original que a motivou enquanto manifestação ou destino humano. Pode-se dizer que é simples assim.

A grande vantagem da Arte é que ela basta a si mesma.

Enquanto outras atividades humanas devem ter fins ou funções mais pragmáticas, a Arte, embora possa cumprir em certos momentos também estas funções, na maioria das vezes, é feita para ser ela mesma. Esta característica é muito evidente na Arte da atualidade: sua autonomia.

Esta autonomia revela sua personalidade: desde a identidade autoral até as invenções, intervenções e proposições que ocorrem hoje em dia.

De maneira geral parece que algumas manifestações artísticas estão deslocadas de seu tempo, de seu lugar e de sua “ordem” original e isto é uma questão que tende a gerar confrontos entre visões conservadoras e inovadoras, mas ela não está nem longe, nem fora de lugar, está exatamente onde devia estar em cada momento.

Ela é uma tradução literal da humanidade com todas suas dúvidas, anseios e contradições, por mais leves ou duras que sejam.

Mesmo que pareça piegas e simplista é possível dizer que todo ser humano é capaz de produzir Arte. Bem para explicar isto é necessário estabelecer um recorte e alguns pressupostos abrindo uma linha de raciocínio que justifique esta possibilidade. O primeiro pressuposto que destaco aqui é a delimitação das manifestações no contexto da Arte Visual, restritas àquelas que se constituem no campo da visualidade como são as poéticas visuais que emergiram da grafia, das manchas, dos volumes e intervenções.

O segundo pressuposto é admitir que tais manifestações ocorrem a partir de domínios humanos *cognitivos, psicomotores e afetivos*.

Explicando: cognitivos são relativos ao raciocínio lógico, psicomotores as habilidades de domínios corporais e afetivos os que lidam com as emoções, prazeres e gostos.

O terceiro pressuposto é a motivação para realizar algo. Independente do momento ou ordem em que tais pressupostos ocorreram.

Pode-se imaginar uma situação em que uma pessoa, sem qualquer motivo aparente, possa ter tomado em suas mãos um graveto e, com ele, começado a traçar no chão alguns rabiscos. Ao fazer isto percebe que pode conduzir tais rabiscos e que elas obedecem ao seu comando: ora podem ser retilíneos, curvilíneos, pontiagudos, suaves, enfim podem ser simples ou complexos, basta ordenar que assim sejam e eles são. Estes esboços lhes dão a sensação de domínio e poder sobre o imaginar e o fazer.

Um poder singelo e estésico mas que lhe desperta a capacidade cognitiva de conduzir algo a partir de sua vontade, de seu raciocínio. Fazer linhas em diferentes densidades, intensidades, direções, orientações, formatos e aparências foi o começo e talvez tenha lhe despertado a curiosidade de saber se seria possível dar àquelas linhas formas reconhecíveis além de simples garatujas ou rabiscos. Talvez assim tenha surgido o desenho e daí por diante suas transformações e desdobramentos.

Pode ter constatado que o movimento circular das mãos geravam formas circulares. Quem sabe tenha sido assim que criou um círculo. Este círculo podia ter dimensões variáveis, podia ser mais ou menos denso, enfim era possível imprimir ao círculo sua vontade.

Percebe também que podia traçar linhas e cruzá-las com outras e assim obter formas fechadas, quem sabe também tenha sido assim que construiu figuras retilíneas como triângulos, retângulos, quadrados, trapézios...

Dominar a cognição e a mão é justamente o que se chama de domínio psicomotor.

Ao perceber isto quem sabe não tenha pensado em ir além. Seria possível com tais domínios reproduzir o que via no entorno? Mas o que?

Aqui entra o terceiro domínio, o afetivo. O que o afetava mais do que fazer rabiscos no chão?

O que seria mais importante do que constatar a capacidade de fazer garatujas e figuras?

Havia uma prioridade emergente determinando sua própria sobrevivência, a necessidade de alimentação e, nesse caso, uma das fontes para suprir esta necessidade, além da coleta, era a caça.

Que tema mais relevante do que aqueles animais com os quais convivia e dos quais dependia para a sobrevivência da espécie? Quem sabe tenha sido assim que a escolha dos animais como tema de suas imagens surgiu. Assim passou a ensaiar e a reproduzir na superfícies das rochas, tais imagens.

Não se pode dizer que suas primeiras tentativas foram frutíferas, ao mesmo tempo, não se pode dizer que as imagens que permaneceram preservadas nas cavernas foram feitas lá de primeira mão. Será que não praticara antes com esboços no chão, será que não testara alguns traços com lascas de pedras, madeira, carvão e outros materiais para, depois, se dedicar com mais vagar e tempo à criação de imagens mais convincentes e eficientes. Tudo é suposição e hipótese, mas inferência e dedução valem.

Bem, o que proponho aqui é que se admita que a criação de imagens foi uma Estratégia adotada pelo ser humano para problematizar sua relação com o meio natural e isto foi também um meio de instauração da cultura, conseqüentemente, da Arte. Digo criação de “imagens” e não necessariamente de figuras representando coisas do mundo. Para mim *Imagem é uma configuração visual geradora de sentido*. Qualquer imagem, seja um simples rabisco numa superfície ou criada pela mais refinada técnica, gera significação.

A significação decorre dos modos, dos procedimentos, processos, técnicas, estratégias e demais recursos expressivos ou conceituais decorrentes da imagem, independentemente de serem ou não classificadas como Arte. Obviamente, as imagens que me interessam estão necessariamente no campo da Arte Visual, como alertei antes. Para que uma imagem seja entendida como Arte ela deve ser voluntária e ter como qualidade ou valor principal o fator estético.

Bem, agora surgiu uma outra questão: a Estética. Para que uma imagem seja considerada Arte ela deve ter como motivação, intenção, projeto, interesse ou proposição, ou seja, um Fator Estético. Nesse caso pode-se deduzir que há imagens que apresentam este fator e outras que não os apresentam ou que, simplesmente, não se preocupam ou se dedicam a ele. É o caso das imagens publicitárias usadas, por exemplo, na propaganda de bens de consumo que, originalmente, não são Arte.

Foi Alexander Gotlieb Baumgarten que, no século XVIII, designou o campo dos estudos da criação artística como Estética, chamando-a de Ciência do Belo e da Arte. A partir de então se distinguem os processos técnicos de criação daqueles que implicavam em proposições de caráter complexos e intelectuais que, a seu ver, eram os da Arte. Neste sentido a questão da criação de imagens não é simplesmente a realização de habilidades, mas de conceitos e proposições.

Neste sentido estão descartadas todas as possibilidades de aceitar como Arte o utilitarismo das imagens, coisas e objetos que poderiam, a priori, tendem a ser chamados de Arte. A partir deste pressuposto para ser Arte há que se ter, demonstrar ou conter algo mais. Algo de inusitado, de criativo, de provocador, de estimulante, de questionamento, de propositivo que provoque a curiosidade o diálogo e a persistência no contexto cultural, independente do tempo ou lugar.

Obviamente, não é possível ignorar o percurso histórico, estético e conceitual do que se entendeu e que se consignou como Arte no passado, mas é necessário acreditar que todo ser humano é capaz de fazer Arte. Portanto, fazer Arte hoje em dia, não há que se cumprir regras, tampouco atender a funções pragmáticas, basta que tais manifestações sejam decorrentes de proposições sistemáticas motivadas pela vontade de criar, transformar, realizar um contraponto ou em diálogo ao senso comum.

Para isto é necessário abrir mão da visão conservadora, elitista, tradicional e clássica de que para ser Arte deve-se seguir alguns cânones e modelos oriundos de certos momentos culturais que definiram modos, meios e sistemas para controlar e se apropriar da produção artística. Isto foi feito mediante a delimitação de certos tipos de padrões de gosto e interesses e pelo apagamento ou esquecimento de outros. Resta então manter como meta o ato criador como o elemento que ampara e dá existência ao que chamamos Arte.

Ao levar em conta esta linha de raciocínio é possível entender os motivos pelos quais as manifestações Modernas foram rechaçadas, foi por competir com o modelo clássico tradicional ocidental que levaram tanto tempo para obterem reconhecimento como expressão artística. Não se deve esquecer também que foram os próprios artistas ocidentais que romperam com os modelos reducionistas da Arte do passado e inauguraram as novas proposições artísticas.

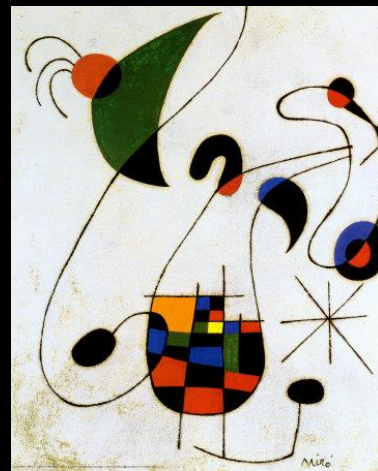
Tudo de cria.

Criar, na acepção direta da palavra, é dar existência a algo que, antes, não existia. Portanto o ato criador é uma espécie de ação “mágica” por meio da qual alguma coisa passa a existir. É uma mudança de estágio entre um “antes” em que não existia para um “depois”, onde algo passa a existir. A história mitológica humana está cheia de momentos como estes. Entidades, deuses e deusas que tem o poder da criação e são cultuados por isto. Mas, como disse Lavoisier, nada surge do nada.

Ao olhar para os momentos em que a Arte se propunha a fazer imagens tomando por referência o visível, imitando-o, pode-se dizer que este processo não era criação, mas representação. A finalidade era obter uma versão artificial daquilo que existia no mundo e deste modo, demonstrar sua habilidade de apreensão, compreensão ou domínio sobre o que via. Mesmo quando dava vazão a visão das mitologias nas quais estava submerso e acreditava ou era obrigado a isto, ainda assim não criava apenas interpretava.

Contudo, ao voltar ao princípio gerador do imaginário da Arte, vê-se que a criação não se referia necessariamente às “Imagens” que passaram a ser nomeadas como Arte, mas sim aos processos de criação que as instauram enquanto produtos gerados por um fazer criador no sentido lato da palavra, ou seja, o que importa não são as imagens que decorreram dos processos criativos, mas sim o processo criativo em si mesmo. Aqui reside o ponto principal de nossos argumentos em torno da Arte.

Seguindo esta linha de raciocínio, a criação não se reduz aos objetos, aos resultados ou às manifestações físico-visuais-virtuais, mas aos processos, procedimentos e proposições que dão existência a tudo isto. As Obras de Arte são os meios, os processos mediadores entre os seres humanos de todos os tempos e todos os lugares, uma espécie de compreensão estésica-estética-conceitual que tudo une e sustenta. Cada lugar e cada momento as manifestações são distintas umas das outras.



O processo que criou os rinocerontes na caverna de Chauvet na França, também gerou a Arte Grega, a Obra de David, a de Miró e Pollock. Tudo resulta de processos criativos, independente do estilo, aparência ou momento em que foram configurados.

Assim a partir do processo dado, desenvolvido, inventado, concebido é possível replicá-lo *ad aeternum*. Este é o princípio consagrado da Ciência e advogo que é também o da Arte. Mas é necessário ressaltar que a replicação que ocorre no campo da Ciência quer encontrar leis e constâncias necessárias para lhe dar segurança, ao contrário, na Arte sua capacidade de replicação é geradora de novas soluções: cada replicação gera novos resultados. Então Arte e Ciência coincidem nos processos, não nos resultados.

Assim a criação artística se define pelos resultados inusitados, originais, individuais, particulares, próprios, *sui generis*. Duas Obras de Arte de um mesmo autor não serão, por definição, iguais. Cada uma tem suas particularidades e peculiaridades, capazes de distingui-las uma da outra, ressalvo que não falo de cópia ou dos procedimentos de reprodução, estampas, múltiplos ou gravuras, mas do ato criativo original e único de uma Obra de Arte, independente de que possa ser, depois, reproduzida.

Tudo se transforma.

Transformar é dar outra existência, outra forma, outra aparência, outra solução a algo que anteriormente já existia.

Apropriar, modificar, alterar, converter, transformar, transfigurar, reler, rever, ressignificar. Fazer de algo já feito, algo novo ou realizado de outro modo tornando-o outro...

A transformação é uma característica tanto dos materiais quanto dos conceitos por meio dos quais a Arte Visual se manifesta, portanto, reforçam seu potencial de manipulação de processos na busca de resultados estéticos.

Não pretendo dizer que Arte é igual à natureza, mas o conceito de transformação, transmutação não lhe é estranho nem distante e é justamente um dos fatores que lhe dá a possibilidade de variação, invenção, criação e criatividade que a caracteriza. Então pode-se dizer que *Transformar* é um de seus métodos, como os processos ou procedimentos e proposições, é isto que a distingue de tudo o que é estável, hegemônico e constante, portanto, a Arte é sempre inovadora, inquisidora e desafiadora.



Não se pode dizer que os bisões aqui mostrados não tenham semelhanças entre si. Três deles correspondem à imagens feitas por seres humanos na pré-história e o que está abaixo à direita a uma fotografia atual. Embora os modos de dizer, os processos constitutivos tenham se transformado, todos correspondem a bisões e o conceito de bisão permanece, é disto que se trata a Arte.



A obra “Noite estrelada” de Vincent Van Gogh, de 1889, não deixa dúvidas de que se trata de uma noite cheia de estrelas, contudo o modo como ele cria sua obra não é necessariamente um retrato em diálogo indêntico com a realidade, mas um modo de falar sobre ela...



Para entender isto, basta olhar a fotografia de Ben Canales, tomada em longa exposição numa noite estrelada. Não se pode dizer que Van Gogh não tivesse razão ao expandir as cores e a luminosidade dos pontos luminosos, mas não foi uma “fotografia” da noite estrelada que ele criou e sim uma Obra de Arte a partir de uma leitura sobre a noite: uma transformação.

Os modos por meio dos quais são constituídas as Obras de Arte dizem respeito tanto ao momento em que são criadas quanto às condicionantes estéticas, técnicas e às substâncias expressivas que são usadas em suas configurações.

O som é a substância da música, assim como o tempo cronológico. Para a Arte Cênica o corpo, o gesto, o movimento, o espaço e o tempo são substâncias expressivas, assim como a palavra e seus conteúdos substâncias da expressão literária.

Na Arte Visual as substâncias formativas são obtidas da luminosidade, espacialidade e temporalidade. A grafia pode decorrer tanto do registro do gesto quanto das relações entre áreas cores, manchas etc., assim como a pintura decorrer do registro das manchas livres ou contidas em áreas ou desenhos. Os gestos, no desenho ou na pintura, podem ser ordenados quanto à direção (horizontal, vertical, diagonal), intensidade (forte/fraca), tamanho (dimensão, espessura, cor, densidade), quanto a linearidade (retilínea, circular, angular, mista).

Pode ocupar um espaço (superfície, suporte, projeção). Pode sugerir ou virtualizar o movimento num desenho, pintura, escultura ou audiovisual. Pode ocorrer no ambiente por meio de Intervenções, Instalações, Performances. Enfim, a linha, a cor, o espaço, as formas, as aparências se transformam, são mutáveis e mutantes. O tempo, o lugar e os ambientes sociais nos quais as manifestações artísticas ocorrem são fatores determinantes ou motivadores para que as manifestações artísticas ocorram como ocorrem hoje.

Se um simples traço pode indicar direção, intensidade, variação, tensão, é capaz de produzir significação, assim como uma cena, uma figura ou uma foto. Basta estabelecer os procedimentos de leitura, apreciação adequados para acessar, apreender, entender. Havia uma crença de que para ter significado ou sentido uma imagem devia “representar” o visível, o conhecido e descrever uma ação, cena ou situação, mas isto passou, hoje a significação decorre de estruturas e proposições.

O Modernismo e suas experimentações, investigações e proposições mostraram que é possível obter significação e sentido a partir das formas, de suas aparências, de sua ordenação e que o conhecimento não estava na reprodução do visível mas sim na *Construção do Visível*. Construir o Visível passou a ser um dos objetivos da Arte Visual a partir do Modernismo e este processo se expandiu para além dele e, em meados do século XX, passou a fazer parte do Pós-Moderno.

As manifestações Conceituais e Propositivas, Interventivas como nas Instalações e Performances passaram a usar estratégias não construtivas, ou seja, deixaram de construir objetos para interferir no meio, no espaço, no ambiente por meio da apropriação de coisas já existentes simplesmente alterando seu estado de uso, sua função, localização ou combinação, assim nasceu a Arte Contemporânea: a Transformação mais radical de todos os tempos.

Desde a primeira década do século XX, movimentos como o Dadaísmo abriram novas possibilidades estético-criativas apropriativas como *objet trouvé* e *assemblage*, mais tarde Duchamp, inaugura seus *Ready Mades* seguindo o mesmo caminho. Parece que, por mais que a Arte se transforme, ainda há algo que a prende ao passado. O passado deve ser uma referência e não um modelo pois a Arte não estaciona nem é alheia ao contexto social no qual surge e vive. A imagem da capa desta edição é de Artur Bispo do Rosário, um paciente que viveu recluso na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro.

Bispo do Rosário, por conta própria, restrito a um convívio social limitado e não convencional e sem qualquer relação com o Sistema de Arte vigente, quebrou espontaneamente os paradigmas da tradição. Suas proposições apropriativas transformavam coisas e objetos do cotidiano em manifestações que, na acepção mais natural da criação, se tornavam Arte. Isto mostra que fazer Arte não depende do Sistema ou Circuito, mas dos processos realizatórios empreendidos por quem cria, isto reforça o que digo: *Em Arte nada se Perde, tudo se Cria e tudo se Transforma...*